

sexualidade (gratificações eróticas) ou com o ato sexual, tanto no contexto do falocentrismo quanto fora dele. Em outras palavras, o sentido é restritivo, com raras exceções, como na leitura de Clarice Lispector na qual a autora qualifica o impulso erótico como energia psíquica investida na busca de auto-conhecimento e auto-consciência.

Teria sido muito produtivo se a autora tivesse explorado o porque das escritoras dos anos 80 e 90 como Helena Parente Cunha, Marilene Felinto e Márcia Denser não conseguirem resolver ambigüidades e impasses na representação do desejo feminino mesmo quando questionam a fundo as convenções de gênero e denunciam suas formas de socialização e cerceamento da consciência feminina com respeito a suas potencialidades e capacidade de ação enquanto sujeitos, individual e coletivamente falando. O fato de não apresentarem resoluções narrativas satisfatórias é uma questão crítica de extrema importância que remete às condições de possibilidades de seu tempo, ao modo de produção discursivo-ideológica da sociedade 'real' que tomam como referente, às questões não resolvidas, ou melhor, às dores da identidade/nacionalidade. Mas para que essa visada fosse possível, seria necessário um aprofundamento dos aspectos sócio-históricos e políticos da sociedade brasileira, sobre os quais há poucas pinceladas. A questão da emergência de um discurso pós-moderno contra-ideológico, tal como apontado pela autora, também mereceria ponderações de várias ordens que pudessem responder pelas especificidades estruturais da realidade brasileira e a relação problemática com o chamado pós-moderno.

Enfim, independentemente dos pontos discutíveis aqui levantados em relação a aspectos do livro de Cristina Ferreira-Pinto, cabe a ele o mérito de oferecer uma nova perspectiva sobre a produção de escritoras do século XX a partir de um tema atual que não só coloca em evi-

dência a existência — e a diferença — de uma tradição literária de mulheres no Brasil, mas também contribui sobremaneira para trazer ao debate a articulação de questões de gênero e sexualidade com a problemática de raça e classe, particularmente no contexto brasileiro, o que ainda constitui um terreno pouco explorado em termos de crítica literária, predominantemente territorializada na ideologia dominante do discurso patriarcal. É um estudo que, através de uma leitura cuidadosa e convincente dessa literatura, desvela a violência real e simbólica endêmica às formas de vida social, o que faz das lutas das mulheres pela expressão dos seus desejos tanto mais difícil quanto mais necessária e inevitável. Resta destacar a inclusão de um Apêndice com excelentes traduções das citações em português ao longo dos capítulos e, principalmente, de poemas de Gilka Machado e de Marina Colasanti, permitindo o acesso para falantes de língua inglesa.

Rita Terezinha Schmidt
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Brasil

Dante Milano. *Obra reunida.* (org. e estab. do texto: Sérgio Martagão Gesteira). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. 530 pp. (Coleção Austragésilo de Athayde, 21).

O poeta Dante Milano (1899-1991) tem, finalmente, sua *Obra reunida*, com a chancela definitiva da Academia Brasileira de Letras, no volume 21 da prestigiosa coleção Austragésilo de Athayde. Organizada por Sérgio Martagão Gesteira, que também procedeu ao estabelecimento do texto, e com uma acurada apresentação crítica de Ivan Junqueira, o alentado volume de 532 páginas reúne toda a poesia do autor, além de traduções, prosa, textos sobre literatura, dois ensaios, algumas cartas e, ao final, uma bio-

bibliografia comentada. Gesteira juntou ainda, nesta homenagem, o poema “Terzinas para Dante Milano”, no qual Ivan Junqueira celebra a presença e o legado do poeta, e se declara “seu herdeiro e seu irmão”.

Posta em evidência, a obra de Dante Milano emerge da penumbra e passa a reclamar seu lugar no sistema da moderna poesia brasileira do século XX. Sim, porque nos panoramas oficiais, o poeta carioca, que estreou em 1920 e apoiou à distância a instauração e o desenvolvimento do movimento modernista, sem nele se engajar diretamente, não é uma figura destacada. Muitas vezes seu nome não é sequer citado.

Alguns atribuem este esquecimento à escassa presença editorial do poeta que, recluso e avesso às glórias efêmeras, manteve-se à margem da vida literária, embora fosse reconhecido por grandes nomes como Manuel Bandeira, João Cabral e Drummond. Seu único livro, editado à sua revelia graças a uma conspiração de amigos, veio a lume em 1948, pela célebre José Olympio. E foi reeditado, com acréscimo de inéditos, em 1958 (Agir) e em 1971 (Sabiá). Em 1979, numa edição da UERJ/Civilização Brasileira, toda a sua poesia foi reeditada, acrescida de boa parte da prosa e das traduções de poesia. Postumamente, saiu pela Editora Fumo, de Petrópolis, a última edição de suas *Poemas* (1994). Assim, acreditamos que a maior responsável pelo esquecimento imposto ao poeta não foi a “escassez editorial”, e sim a sua posição independente, à margem das tendências estéticas comprometidas com os desdobramentos modernistas, agravada por sua reclusão literária.

A rigor a poesia de Milano não se enquadra nos figurinos modernistas *stricto sensu*. E isso sempre foi, para os críticos –formados pela mentalidade modernista–, um critério de exclusão. Basta lembrar que os poetas da chamada Geração de 45 foram sumariamente execrados por “trair” os ideais de 22, acusados de adotar procedimentos cria-

tivos “superados” e passadistas. No que concerne a Dante Milano, a sua exclusão é agora um problema a solucionar, já que, de fato, o poeta não assumiu uma posição modelar e, portanto, canônica, nos grupos herdeiros da Semana de 22. Ivan Junqueira chama a atenção, com muita propriedade, para o fato de que “o Modernismo pouco ou nada tinha a oferecer-lhe em termos de subsídio literário ou de plataforma estética. E mais: à época da agitação modernista, o poeta Dante Milano já estava pronto, infenso, portanto, a quaisquer aquisições mais profundas e radicais do ponto de vista formal, ainda que aberto e sensível às conquistas expressionais do movimento” (p. xxi). Isso explica muita coisa e põe em xeque os critérios de eleição dos poetas representativos, se baseados apenas na sua contribuição modernista à poesia brasileira do século XX. Aliás, o poeta baiano Sosígenes Costa (1901-1968) tem uma trajetória semelhante à de Milano. Era igualmente avesso à vida literária e publicou, também por iniciativa de amigos, apenas um livro em vida, *Obra poética* (1969). Como Milano, Sosígenes foi posto à margem, limitado a notas de rodapé dos panoramas, embora tivesse deixado uma volumosa produção que, reunida e editada na Bahia, em 2001, por ocasião de seu centenário, soma 531 páginas.

Estes poetas emergem do limbo com uma força poética extraordinária e nos estimulam a repensar as classificações, as listas de nomes, as antologias e o próprio cânone, impondo-nos a obrigação de rever os panoramas críticos e os conceitos de avaliação. Na verdade, trata-se de poetas modernos, para além dos *ismos* taxionômicos e classificatórios. Eles requerem uma outra atitude crítica, não restritiva e agrupadora, mas inclusiva e reconhecidora, disposta a avaliar cada obra poética e cada autor em sua singularidade, minimizando o critério das filiações e da presença ostensiva na vida literária da época. Por

este prisma, poetas como Sósigenes Costa e Dante Milano ganham relevo e importância, pela contribuição particular e pelo que acrescentam à poesia, independentemente de sua “desatualização” com os procedimentos correntes de seu tempo, muitos dos quais simples modismos passageiros. Esgotados o impacto e o barulho dos *ismos*, essas obras vão aos poucos se fazendo notar, ampliam-se as leituras e os admiradores, conferindo-se aos autores o reconhecimento que, por póstumo, resulta talvez mais consistente e duradouro.

Nesta *Obra reunida*, a poesia de Dante Milano convida o leitor a uma viagem fascinante por um terreno lírico praticamente desconhecido. Há muito que se apreciar e estudar na sua poética. A aparente simplicidade dos assuntos, o vigor do pensamento metafísico, a confecção cristalina dos versos, o ritmo e a musicalidade personalíssimos, a clareza das imagens e do vocabulário, a requintada ironia ao tratar de questões da existência, da vida, do amor e da morte.

Alguns estudiosos assinalam a sua aproximação lírica com Manuel Bandeira, seu amigo e admirador, o que é muito justo, sobretudo se levarmos em conta um poema como “Lágrima negra” (p. 157). Mas é possível sentir também em alguns de seus poemas uma certa consanguinidade com a poesia de Cecília Meireles, no tocante à concepção musical dos versos, à leveza das imagens e à visão do poeta como ser devotado à própria poesia. Para especular, vejamos os versos de Dante, no poema “Divertimento”, nos quais afirma: “Acariciar a água de um rio / E sentir-lhe o estremecimento / Da pele, o fundo calafrio. / Eu distraído, mas atento, / Pensando...em quê? Sério, sorrio.../ Oh secreto divertimento.” (p. 133). Confira-se, ainda, “Descobrimento da poesia” (p. 21), que mostra, em certa medida, um impulso lírico correspondente, em sua concepção, ao poema “Motivo”, de Cecília Meireles.

Como poeta, Dante Milano também cuidou de questões literárias. Nos seus textos sobre literatura avulta, sobretudo, a opinião de um leitor envolvido, reflexivo, lido e bem informado. Em geral, sua análise é intuitiva, sem aparato crítico nem método fechado, mas com a clarividência e a sutileza que a sua sensibilidade de poeta e leitor atento lhe faculta com naturalidade. Geralmente curtos, seus textos refletem posições pessoais, de autor mesmo, perante questões de interesse teórico, mas se mantendo sempre como uma escrita literária. Ele reflete, opina, comenta, mas sem impor ensinamentos a quem o lê. São interessantes suas impressões sobre o conceito de originalidade em literatura, suas reflexões sobre Dante Alighieri, Baudelaire, Mallarmé, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Joaquim Nabuco, Alberto de Oliveira, Luiz Delfino, Graça Aranha. Seu pequeno estudo sobre Castro Alves é antológico, pelo equilíbrio do seu ponto de vista, ao valorizar a tradição, criticando certa tendência do momento. “A poesia moderna e suas teorias quiseram isolar-nos demais do Passado. De todo o monturo da literatura passada, poucos nomes resistem à nossa exigente admiração”. E adiante: “Porém, às vezes, penso: se Castro Alves não existisse? Então vejo a falta que ele faria ao Brasil, à sua literatura paupérrima. (...) Ele foi uma etapa, uma etapa gloriosa...” (p. 454). Destacam-se ainda as suas considerações sobre a condição do poeta na modernidade, sobretudo nos textos “Poesia e burguesia” (p. 416-418) e “Separação ou decadência do poeta” (p. 426-428), nos quais trata de questões ainda hoje atuais nas discussões teóricas da poesia. Já nos dois ensaios, “O verso dantesco” e “Leopardi”, observa-se, nitidamente, a capacidade analítica e o senso crítico de Dante Milano.

Outro legado valioso de Milano é, sem dúvida, a sua tradução de poesia: Dante Alighieri (Três cantos do *Inferno*), Charles Baudelaire (38

poemas das *Flores do mal*), Mallarmé (3 poemas), De Plutarco a Shakespeare (Antônio e Cleópatra). A importância desse *corpus* se deve não somente pela contribuição em si, mas pela lição que acrescenta à difícil arte de traduzir poesia, a par de sua concepção e seu talento ao propor soluções originais, ao recriar poemas célebres da tradição literária universal.

Nesta *Obra reunida* a apresentação do poeta, crítico e tradutor Ivan Junqueira é de grande importância, pois ultrapassa o mero caráter introdutório. Sua abordagem reorienta críticos e ensaístas, ao apontar critérios e caminhos para uma compreensão da obra e da personalidade poética de Dante Milano. Junqueira discute a condição de “maior vocação póstuma” outorgada ao poeta pelos que o conheceram de perto. Passa em revista opiniões de poetas e críticos como Manuel Bandeira, João Cabral, Drummond, Sérgio Buarque de Holanda, Franklin de Oliveira, Paulo Mendes Campos, todos ressaltando a grandeza da poesia milanesa. Junqueira também destaca aspectos fundamentais da obra do autor, para caracterizar a sua “poética do pensamento emocionado” (p. xxii), o que o aproxima do pensamento estético de T.S. Eliot e de Fernando Pessoa, segundo o critério do “objective correlative” (p. xxiii) e a idéia de que a poesia é produto do “pensamento que se emocionaliza” (p. xxiv). Numa visão estritamente textual, o ensaísta destaca os elementos estilísticos que constituem a poesia milanesa, chamando a atenção para a sua “irrepreensível unidade —unidade de forma, de estilo, de linguagem, de abordagem temática, de ritmo e até de vocabulário” (p. xxiv). Junqueira não apenas afirma isso, mas o demonstra analiticamente, procedendo ao estudo de passagens significativas de diversos poemas, enfatizando os aspectos temáticos e estilísticos do autor.

Ivan Junqueira comenta também a escassa, mas expressiva for-

tuna crítica de Dante Milano. Dialogando com a opinião crítica de Sérgio Buarque de Holanda, concorda com a noção de “realismo estético” para explicar a singular posição do autor na sua época. Com Franklin de Oliveira, concorda que na sua poesia a emoção “está governada pela inteligência, refeita, restaurada, reconstituída sob o império da lucidez” (p. xliii). Já Paulo Mendes Campos considera Milano um antilírico. Junqueira não o refuta inteiramente, mas relativiza essa opinião: “Há lirismo, sim, amiúde sinistro, mas também talvez fantasmagórico, talvez algo visionário.” E, logo adiante: “Lírico ou antilírico, o poeta nos revela de fato um acentuado fascínio pelos aspectos sinistros da vida. (p. xlvi). Ao cotejar a poesia de Dante Milano com a tradição universal, relacionando-a ao pensamento estético de Wordsworth, Eliot, Pessoa, Pound, e destacando sua predileção por Dante Alighieri, Horácio, Virgílio, Leopardi, Camões, Baudelaire, Mallarmé, autores sobre os quais escreveu estudos e/ou dos quais traduziu vários poemas, Ivan Junqueira dá uma chave de abordagem do poeta carioca, para além de um quadro estritamente local, apresentando-o numa perspectiva bem mais ampla de análise. Por isso, sua apresentação crítica constitui uma matriz seminal de análise, oferecendo não só uma súmula estrutural da poética milanesa, mas também um enquadramento de abordagem que poderá orientar futuros estudos sobre o autor.

Como organizador, Sérgio Marzagão Gesteira mantém-se discreto, contentando-se em assinar apenas uma “Nota explicativa” (p. lxiii-lxvi), adequado modo de esclarecer os critérios, as escolhas e os procedimentos de seu trabalho. Nada mais louvável, pois a obra fala por si mesma. Ao organizar e fazer o estabelecimento do texto, com as cuidadosas correções e atualizações ortográficas, Gesteira dá uma contribuição importantíssima para o acervo bibliográfico da poesia bra-

sileira. Sem dúvida, um trabalho de muito mérito, digno de um competente pesquisador universitário.

Aleilton Fonseca
Universidade Estadual de
Feira de Santana
Academia de Letras da Bahia

Enrique Flores. Los tigres del miedo. Páginas fantásticas de Macedonio Fernández. México, UNAM (IIF/ CEL), 2004. Col. de Bolsillo, 24; 97 pp.

Macedonio Fernández (Buenos Aires, 1874-1952), es uno de los autores iberoamericanos modernos que mayor complejidad presentan. Narrador, teórico, poeta, pensador y, quizá predominantemente, un gran conversador a quien publicar le resultaba poco relevante, el conocimiento de su obra ha quedado mediado sobre todo por las referencias que de él hace Jorge Luis Borges (piénsese en sus palabras ante la tumba de Macedonio, en que Borges reconoce haberlo admirado "hasta la transcripción"; o en el epígrafe macedoniano a "Cirugía psíquica de extirpación" en la edición de *Sur* de 1941, donde asegura que era tan desmesurado el encomio de Borges hacia él que terminaba por ser el autor de lo mejor que el otro había producido). Precursor "putativo" del ultraísmo argentino, pero también del microrrelato moderno, se trata de un autor "de culto", por su dificultad y su extrañeza.

Una de las características que al parecer definen la obra del argentino, tiene que ver con que la utilización del lenguaje en Macedonio resulta —a decir de Helena Beristáin— irreductible: si la lógica establece mecanismos como la síntesis, que logran reducir los discursos a sus elementos mínimos, y por este medio en otros narradores la trama puede ser recontada y abreviada, en Macedonio no puede sintetizarse la anécdota, o parafrasearse, porque no sigue un sistema

verdaderamente narrativo. Así ocurre, por ejemplo, en sus *Papeles de Recienvenido*.

Ante esta recusación de la narratividad en diversos órdenes, quedan únicamente formulaciones pseudo narrativas; a decir de Macedonio, por ejemplo, "los y los ya hacen narrativa a cualquier sucesión de palabras, todo lo hilvanan y 'precipitan'" ("Cirugía psíquica de extirpación" nota 6). Quizá ante esta lúcida autoconciencia *antinarrativa*, habría que subrayar que se trata de un autor mucho menos ajeno a las discusiones literarias y culturales de época que lo que normalmente imaginamos. Se han encontrado dedicatorias y menciones que lo ponen en circuito intelectual con Ramón Gómez de la Serna, Xul Solar, José Ingenieros, Alfonso Reyes, a más de los ultraístas porteños. Valga el siguiente ejemplo: "A Ramón Gómez de la Serna. / Al mayor realista del Mundo como no es. / Macedonio Fernández / (El metafísico del Mundo como No-Ser)".

Enrique Flores, con innegable valentía, hace su propia selección macedoniana y pone en relieve para este ensayo que hoy presentamos textos menos leídos y conocidos de este de por sí poco leído y desconocido autor: los cuentos "Tantalia", "Suicidia", "Cirugía psíquica de extirpación" o "Donde Solano Reyes era un vencido y sufría derrotas cada día". Flores ata cabos, y empieza por hacer un muy breve y puntual recuento sobre la crítica macedoniana, anunciándonos cómo el orden de aparición de las diversas ediciones generó la sucesión de tres tipos de crítica: metafísica, humorística y novelística. La suya se propone como una suerte de cuarta posibilidad: inspirado en el estudio psicoanalítico lacaniano de Germán Leopoldo García *Macedonio Fernández: la escritura en objeto* (1975), el investigador mexicano decide revisar el móvil del miedo como motor literario en la obra de Fernández. Análisis temático y formal, profundo, a pesar de su brevedad, éste será un estudio quizá de